



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5888 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

A INFLUÊNCIA DO PROFESSOR FORMADOR NO PROCESSO FORMATIVO DE ALUNOS DA LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

Elizabete Volkman - UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa - Campus Uvarana



A INFLUÊNCIA DO PROFESSOR FORMADOR NO PROCESSO FORMATIVO DE ALUNOS DA LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

PALAVRAS-CHAVE: Formação inicial docente. Professor formador. Práticas pedagógicas.

As questões relativas ao trabalho docente são atuais e importantes quando pensamos em um projeto de ensino para a sociedade. As licenciaturas, como início da formação permanente do professor da Educação Básica, constituem o pilar deste projeto de ensino de qualidade para os estudantes das escolas públicas brasileiras. Quando discutimos sobre a formação docente na licenciatura, emerge naturalmente a prerrogativa de quem irá formar este futuro professor. Nas licenciaturas, a atuação do professor formador "constitui um eixo central na formação do conhecimento profissional básico do futuro professor" (ANDRÉ; ALMEIDA, 2017). Nesse sentido, as práticas dos professores formadores têm papel fundamental na formação de professores para atuarem na Educação básica e, em consequência, na qualidade do ensino na escola (ANDRÉ; ALMEIDA, 2017).

A docência no Ensino superior possui as suas especificidades e se diferencia em alguns aspectos da docência na Educação Básica. Como afirmam Soares e Cunha (2010, p. 23) a docência no Ensino Superior "é uma atividade altamente complexa, que não se restringe à sala de aula". Embora as atividades de ensino na licenciatura tenham pouca "visibilidade" já que os critérios de avaliação e progressão na carreira do professor universitário estão relacionados à produção científica, esta se configura como essencial, haja vista que o processo de ensino e aprendizagem na graduação é que irá formar as bases para a formação

do futuro profissional, no caso das licenciaturas, dos futuros professores.

Para as autoras supracitadas, o exercício da docência no Ensino Superior está voltado para a aprendizagem dos estudantes, ou seja, para garantir o aprendizado e a construção de conhecimentos profissionais e isso "exige uma multiplicidade de saberes, competências e atitudes" por parte dos formadores que "precisam ser apropriadas e compreendidas em suas relações (p. 24). Nesse sentido, podemos entender a complexidade da docência universitária e o papel que desempenha o professor formador neste processo.

Para autores como André e Almeida (2007), Vaillant e Marcello (2012) e Mizukami (2002), o processo de formação inicial torna-se determinante para que o futuro professor oriente sua prática docente. A partir da formação inicial que os futuros professores adquirirem os conhecimentos indispensáveis para a iniciação na carreira docente, e que poderão permear sua prática educativa ao longo de toda a sua carreira. Nesta direção, André e Almeida (2017) pontuam que "não apenas os conteúdos, mas também as práticas de formação devem receber atenção especial, pois elas são modeladoras de posturas profissionais futuras" (p. 204). Para André et al. (2012), os formadores são vistos pelos licenciandos como "modelos" e a forma como estes atuam é percebida "como fontes de referência" para as práticas pedagógicas dos futuros professores. Assim, se torna essencial conhecer o papel do professor formador no Ensino Superior, ao passo que "ainda se sabe muito pouco sobre aquele que conduz a formação inicial de professores" (ANDRÉ, et al, 2010, p. 124).

Quando nos propomos a discutir sobre o papel do professor formador, isso nos conduz ao debate sobre os saberes, conhecimentos e habilidades para exercer o papel de formador, (ANDRÉ; ALMEIDA, 2017) o que nos leva a indagar como este profissional se insere no imaginário dos licenciandos. Assim, neste estudo discutimos sobre o papel do professor formador na licenciatura em Matemática, com o objetivo de analisar como os licenciandos da Matemática avaliam as possíveis influências dos professores formadores no processo de aprendizagem da docência na licenciatura.

A investigação se insere na abordagem qualitativa de pesquisa (BOGDAN; BIKLEN, 1994) e o campo de pesquisa foi constituído por duas universidades públicas estaduais do Estado do Paraná, (que serão denominadas U1 e U2), situadas em regiões diferentes. Participaram do estudo 39 licenciandos do quarto ano do curso de Licenciatura em Matemática, escolhidos a partir do interesse em participar da pesquisa. A escolha pelo último ano da Licenciatura em Matemática partiu da premissa de que os licenciandos que estão concluindo a graduação possuem melhores condições de refletir e dialogar a respeito da sua preparação para a docência, além de, supostamente, já terem consolidado algumas concepções e saberes ao longo do curso. Na análise dos dados os licenciandos serão identificados pela letra L seguida de um número, a letra E no final da identificação indica que os dados foram coletados das entrevistas.

Para a coleta de dados foram utilizados questionário e entrevistas semiestruturadas. Os dados foram organizados e analisados com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2011). No resultado da análise dos dados emergiram questões a respeito da atuação do professor formador, mais especificamente sobre as **Referências e experiências do professor formador** em três categorias: *Influências da prática pedagógica do professor formador; Influências positivas e negativas; Experiência na Educação Básica.*

A categoria *Influências da prática pedagógica do professor formador* apresentar o pensamento expresso por alguns licenciandos sobre como os formadores influenciam os alunos por meio de suas práticas:

L13 – Influenciam, por exemplo, um aluno que entrou no curso de licenciatura e ainda não sabe direito o que quer, com as práticas pedagógicas do professor da universidade vai poder decidir se é realmente isso que ele quer.

L16 – As práticas influenciam, não apenas deles, mas de todo professor que tive o privilégio de conviver, até mesmo de catequistas.

L12E– A prática dos professores da universidade influencia e muito, porque até um professor de estágio inclusive falou que a gente estava falando “o meu número, a minha equação”, isso é coisa do professor da universidade, e mesmo inconsciente, às vezes você não pensa que está fazendo igual o professor, [...] então eu acho que os professores são um exemplo, seja o exemplo que você não quer seguir, ou seja o exemplo que você vai seguir, mas ele sempre serve como exemplo.

L13E – [...] Muitos professores, que vêm de muitos anos, vêm na maneira tradicional, infelizmente vai chegar uma hora que vai esbarrar na gente, [...] um exemplo, eu tive uma professora de desenho que dava uma aula diferenciada, tinha oficinas, eu espero seguir os passos dela, mas na minha turma tem pessoas que vão seguir o tradicional, que é mais fácil, você prepara a aula, passa, o aluno copia, repete [...].

L30E – Eu acho que os professores influenciam na prática pedagógica, a gente tinha uma visão quando a gente começou o curso que todo professor que não reflete, não discute é a tendência de uma cópia de outro professor.

Foi possível perceber nos discursos dos licenciandos que os mesmos têm consciência de que são influenciados por seus formadores, tanto positiva quanto negativamente. Alguns acadêmicos percebem que são influenciados não só pelos professores na universidade, mas também pelos professores da Educação Básica. Para Silva (2011), a docência pode ser considerada uma profissão apreendida “pela vivência da discência”, ou seja, os licenciandos aprendem a ser professores na condição de aluno e assim são influenciados pelo ensino de seus formadores.

Nos discursos do sujeito da pesquisa também percebemos que os formadores servem de referência e influenciam na decisão do licenciando em seguir ou não na docência. A pesquisa de André et al. (2012) levanta um aspecto importante do papel do professor formador citado pelos sujeitos da nossa pesquisa: a escolha pela docência. De acordo com o autor supracitado, o papel que o formador desempenha no estímulo aos estudantes para seguirem a docência é muito relevante. O formador desempenha um papel central na formação dos futuros professores: “são os mestres modelos que com sua forma específica de dar aula e de se relacionar, contribuem efetivamente para a aprendizagem dos licenciandos, assim como deixam marcas indelévels para a sua profissão” (ANDRÉ et al., 2012, p.110).

Para os licenciandos que participaram de nossa pesquisa as práticas do professor formador servem de exemplo e podem ser seguidas, mesmo as práticas consideradas tradicionais. Para Soares e Cunha (2010), o modelo de docente universitário tradicional, baseado na erudição, ainda predomina nas universidades brasileiras. Este modelo de professor universitário “remonta às origens da universidade, na Idade Média, mas manteve seus traços essenciais quando a universidade abraçou a ciência moderna positivista” (SOARES; CUNHA, 2010, p. 14). Segundo as autoras, esse modelo de professor universitário dogmático, “capaz de transferir, pelo dom da oratória, em aulas magistrais, seus saberes profissionais, não mais atende às necessidades da sociedade contemporânea” (p. 13).

As falas dos sujeitos investigados também revelam que quando não há reflexão sobre as práticas dos professores formadores por parte dos licenciandos, estes acabam se tornando “cópia” de seus professores.

Na segunda categoria *influências positivas e negativas*, a maioria dos licenciandos considera que os formadores podem ser referências positivas em sua formação como docente, mas uma parte considerável deles considera que alguns professores universitários não influenciam positivamente. Vejamos os discursos abaixo:

L8 – Muitas vezes os professores da universidade dão exemplos de como não ser um professor.

L23 – Alguns influenciam, alguns mostram o que não devemos fazer.

L30 – Influenciam em grande parte em uma visão de que não quero ser um professor como “fulano”.

L15E – Os professores da graduação influenciam muito, eu me polio para não pegar certas manias [...], por exemplo, o professor que avalia só pela prova, o professor não está sendo justo, eu acho uma injustiça [...] na graduação eu vejo muito isso acontecer e acho errado. [...] às vezes eu me polio nisso, aqui nós temos professores que eles não se importam com nada disso, para eles o que importa é dominar o conteúdo e não se você vai ser igual eles ou não no método de avaliação. Eu me espelhei para não fazer isso [...].

14E – Eu me espelhei em um professor, ele não tinha didática nenhuma em sala de aula, quando eu entrei em sala de aula e fui lá pra trás e olhei, falei “nossa, estou fazendo igual o professor, escrevendo no cantinho, pra lá pra cá”, ele escreve um pouco em cada parte do quadro, não tinha organização e eu comecei a fazer isso, porque a gente acaba olhando e repetindo, a gente gosta dele. Outros professores nos espelham bastante, alguns são perfeccionistas e a gente acaba ficando assim, tentando ser perfeccionista, nisso a gente se espelha.

Que os professores formadores são referências positivas e negativas ficou evidente em nossa pesquisa. O que chama a atenção é o fato de o licenciando vivenciar práticas que desaprova e assim mesmo considerar que pode seguir tais práticas, mesmo que inconscientemente. O fato de “gostar” do formador é um dos fatores apontados pelos sujeitos da pesquisa que tornam o professor uma referência, influenciando o estudante a seguir a sua prática. Podemos inferir, com essa afirmação, que quando os licenciandos se identificam com um professor, quando “gostam dele”, este acaba sendo uma referência e os alunos acabam seguindo seu exemplo, mesmo considerando sua prática pedagógica desapropriada. Percebemos nas falas também que a maioria dos licenciandos que relataram desaprovarem práticas de seus formadores tenta “se policiar” para não seguir tais práticas. Para André et al. (2012), os formadores são vistos pelos licenciandos como “modelos” e a forma como estes atuam é percebida “como fontes de referência” para as práticas pedagógicas dos futuros professores. A pesquisa de André et al. (2012) revela também que alguns professores formadores são vistos pelos estudantes como “modelos às avessas”, ou seja, “oferecem exemplos de como não deve ser o trabalho do professor” (p.113).

Prosseguindo na análise, a categoria *Experiências na Educação Básica* apresenta o pensamento dos licenciandos sobre como as experiências dos formadores na Educação Básica podem influenciar a prática pedagógica na licenciatura. Sobre a questão da experiência na Educação Básica, Gatti (2014, p. 46), considera que não há dados do número de professores atuando nas licenciaturas “que tiveram experiência direta com as redes de ensino ou a sala de aula na Educação Básica” ou com os problemas da realidade da escola. Não é possível afirmar que a experiência como docente na Educação Básica torna-se um diferencial que pode melhorar a prática pedagógica do professor formador, não encontramos pesquisas neste sentido. O que podemos afirmar, com base na categoria *Experiências na Educação Básica*, é que os licenciandos percebem diferenças entre os formadores que já atuaram como docente na Educação Básica e os que nunca atuaram, como podemos observar nos discursos:

L15E – Na aula do professor que já atuou na educação básica e que hoje atua na

graduação existe diferença, com certeza, isso influencia muito porque eu acho que pro professor dar conta [...] o professor vem dar aula na universidade e não sabe o que acontece lá, ele acaba jogando a culpa para os professores da rede pública, mas ele nunca pisou no chão da sala de aula, [...] o professor aqui tem a ideia de que o aluno vem pronto, mas será que ele sabe as dificuldades que o aluno tinha lá atrás, no ensino médio? [...] Agora se ele trabalhar lá atrás na educação básica ele vai saber das dificuldades encontradas na rede pública e falando específico do meu curso, vai saber das dificuldades da matemática básica.

L14E – Eu acho que a prática do professor que nunca atuou na educação é diferente, não sabem o que acontece lá embaixo, o que tem, porque os que estão aqui na universidade passaram rapidamente e não sabem realmente que muitos aqui chegam mal, mal sabem a matemática básica mesmo, eles não sabem o que aconteceu lá e não fazem nada para corrigir aqui, agora os que conhecem a realidade já mudam totalmente a prática de ensino deles. Não vou generalizar, mas alguns professores nos prepararam. Diziam: “você vai passar por isso, isso”, preparam para a realidade, falaram o que era ser professor, como é ser um bom professor, porque você escolheu a licenciatura, porque você escolheu ser professor, esses sim mostraram pra nós o verdadeiro sentido, e isso contribuiu bastante para a nossa formação.

Para esses licenciandos os docentes do ensino superior que nunca atuaram na Educação Básica não possuem conhecimento da realidade da escola pública. Podemos perceber nas falas que eles se referem à defasagem escolar nos conteúdos matemáticos, que reflete a falta de qualidade da escola básica e que, segundo eles, os docentes do ensino superior não têm conhecimento sobre. Alguns licenciandos também relatam a falta de discussões sobre a docência por parte dos formadores que nunca atuaram na educação básica. Os licenciandos possuem a perspectiva de que se o formador atuar na Educação Básica vai saber sobre as dificuldades encontradas nesta modalidade de ensino. Os licenciandos também relatam algumas diferenças na metodologia utilizada pelo professor formador que já atuaram na educação básica e a maneira como interage com os alunos.

L12E – Na questão da metodologia existe diferença entre o professor que nunca atuou na educação básica. O professor da educação básica tem que saber como passar aquilo e é uma coisa que os professores que fazem mestrado e doutorado e já vão pra universidade acabam não tendo, porque eles acabam focando nos conteúdos específicos e acabam esquecendo, muitas vezes esses professores acabam não sabendo como passar o conhecimento [...] não é só chegar ali e jogar as coisas, tem que saber passar, como sentir os alunos, isso é muito importante.

L13E – O professor que já atuou na educação básica conhece mais o aluno, são professores que chegam na frente da sala de aula visualizando o aluno, tem outro tipo de contato com o aluno, não existe aquela barreira, eu sei tudo e você não sabe nada, ele já é mais mediador do que o professor que foi direto pro mestrado, não passou pelo ensino fundamental e médio, eu na minha visão eu acho que tem diferença.

Para esses licenciandos os formadores que já atuaram como docentes na Educação Básica se diferem pelo modo como lidam com as questões do ensino, demonstrando maior preocupação com a aprendizagem dos alunos, sendo mais mediador e interagindo de maneira menos horizontal. Os acadêmicos investigados relatam ainda que os formadores que não tiveram contato com a escola como docentes focam muito nos conteúdos específicos e possuem dificuldades em “passar o conteúdo”.

De acordo com a pesquisa de Gatti (2014) muitos dos formadores que atuam nas licenciaturas, não tiveram uma formação didático-pedagógica. E soma-se a isso ainda o enfoque tradicional da formação docente, que segundo Vaillant e Marcelo (2012, p. 89) ainda está muito presente em nossas instituições e “subjaz a crença de que qualquer docente pode desempenhar tarefas de formador”, sem nenhuma formação pedagógica. Para Gatti (2014), o conhecimento da disciplina não é o mesmo que o conhecimento da disciplina voltada para o ensino. A autora ressalta que os cursos de Pós-Graduação não têm assumido “nem parcialmente a formação de ‘mestres’ – professores que serão formadores de novas gerações”

(p. 46). Os cursos de mestrado e doutorado visam à formação do pesquisador. Nessa postura, segundo Gatti (2014), está imbuída a concepção de que quem sabe, sabe ensinar.

Soares e Cunha (2010), corroborando com Gatti (2014), explicam que desde a implantação dos cursos de Pós-Graduação *stricto sensu* no Brasil a prioridade é a formação do professor universitário, com enfoque na pesquisa. As autoras ressaltam que vem crescendo o número de professores de diferentes áreas, que buscam a Pós-Graduação em Educação, “muitos quebram a lógica de se especializar no seu campo disciplinar e procuram uma formação que atenda a especificidade da profissão docente” (p. 17).

Prosseguindo na análise da categoria *Experiências na Educação Básica*, encontramos relatos de alguns licenciandos que consideram não existir muita diferença entre os formadores que já atuaram na Educação Básica, mas admitem que isso exige um esforço pessoal do professor:

L1E – Tem diferença entre professor que já atuou na escola, mas não dá pra generalizar, eu tive professor que passou pelo ensino fundamental e não deram aula muito bem, acho que desmotivou. Eu acho que tem diferença sim, [...] mas não são todos, [...] eu acho que têm muitos professores que não passaram e dão aula muito bem, um tipo de esforço pessoal talvez.

Como podemos perceber no relato, o aluno considera que depende muito do formador, de seu esforço em “dar uma boa aula”. Salientamos que, como esclarece Soares e Cunha (2010), muitos formadores procuraram se inteirar das questões pedagógicas para sanar possíveis dúvidas, ou lacunas na sua formação sobre os processos de ensino na universidade.

Ao nos propormos investigar o papel do professor formador nos deparamos com questões que envolvem as influências indiretas desse profissional sobre a formação dos licenciandos. Nesta perspectiva, nossos dados revelaram que o papel do formador vai além do ensino e aprendizagem de conteúdos, envolve questões subjetivas como a afetividade. Outro aspecto importante sobre o papel do professor formador que se desvelou foi a questão das atitudes inconscientes dos licenciandos que revelaram que “se pegam” imitando as práticas do professor formador sem se darem conta disso.

Mizukami (2002, p.12) alerta que a aprendizagem da docência na licenciatura “não é tarefa que se conclua após estudos de um aparato de conteúdos e técnica de transmissão deles”, o que requer que sejam trabalhados não só conhecimentos, mas também atitudes, nesse sentido que podemos entender as influências do professor formador no processo de formação do licenciando.

As questões sobre a formação do professor para atuar nas licenciaturas e as práticas pedagógicas desses docentes, não só nas licenciaturas, permanecem em aberto e “não é seara tranquila” (GATTI, 2014, p. 47). Discutir questões ligadas às práticas nas universidades torna-se um desafio, visto que existem ações e práticas enraizadas no âmbito universitário que são difíceis de serem modificadas.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M.; ALMEIDA, A. A.; AMBROSETTI, N.B.; PASSOS, L. F. CRUZ, G. B. da. ; HABOLD, M. O papel do professor formador e das práticas de licenciaturas sob o olhar avaliativo dos futuros professores. **Revista Portuguesa de Investigação Educacional**, v.11, n.12, p.101-123, dez, 2012.

- ANDRÉ, M. E. D. A.; ALMEIDA, P. C. A de. A profissionalidade do professor formador das licenciaturas. **Revista Educ. PUC**. Campinas, v. 22, maio/ago, p. 202- 219, 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.
- GATTI, B. A. Formação inicial de professores para a Educação Básica: pesquisas e políticas educacionais. **Estudos em Avaliação Educacional**. São Paulo, v. 25, n.54, p.24-54, jan./abr., 2014.
- MIZUKAMI, M. das G. N. **Escola e aprendizagem da docência**: processos de investigação e formação. São Carlos: EdUFSCar, 2002.
- SOARES, S.; CUNHA, M. **Formação do professor**: a docência universitária em busca de legitimidade. Salvador: EDUFBA, 2010.
- SILVA, M. da. Habitus profissional e habitus estudantil: uma proposição acerca da formação de professores. **Educação em Revista**. v.27, n. 3, p. 335-359, 2011.
- VAILLANT, D. MARCELO, C. **Ensinando a ensinar**: as quatro etapas de uma aprendizagem. Curitiba:UTFPR, 2012.